

Geopoética: uma análise bibliométrica da produção científica internacional indexada na Scopus

Geopoetics: a bibliometric analysis of international scientific production indexed in Scopus

Jean Michel Valandro
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
jeanmvalandro@gmail.com

Lucas George Wendt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
lucas.george.wendt@gmail.com

Resumo

Este estudo apresenta uma análise bibliométrica da produção científica internacional sobre Geopoética, um campo emergente que explora a interseção entre geociências e expressão poética. Utilizando dados da base Scopus, mapeou-se a distribuição temporal das publicações, identificaram-se as associações temáticas e caracterizaram-se os periódicos e países com maior produção relacionada ao tema. Entre 1996 e 2024, registrou-se crescimento anual médio de 4%, com 157 documentos publicados em 114 periódicos, refletindo uma dispersão da produção. A idade média dos documentos (4,62 anos) indica que o campo está em fase de consolidação. Em termos de autoria, 179 autores participaram da produção, com predomínio de documentos de autoria única e uma limitada colaboração internacional (1,91%). A análise de palavras-chave revela a natureza transdisciplinar do campo, associando Geopoética a temas como paisagem, identidade, ecopoética e globalização. A Polônia destaca-se com maior produção, seguida pelo Reino Unido e Estados Unidos. A pesquisa ressalta a necessidade de aprofundar investigações sobre a Geopoética no Brasil, onde a produção é sub-representada em bases internacionais. O estudo conclui que, apesar da modesta produção atual, a Geopoética apresenta um potencial significativo de crescimento, especialmente em um contexto de interesse crescente pelas relações entre espaço geográfico, arte e questões ambientais.

Palavras-chave: Geopoética, Bibliometria, Produção científica, Scopus.

Abstract

This study presents a bibliometric analysis of international scientific production on Geopoetics, an emerging field that explores the intersection between geosciences and poetic expression. Using data from Scopus database, we mapped the temporal distribution of publications, identified thematic associations, and characterized journals and countries with the greatest production related to the topic. Between 1996 and 2024, there was an average annual growth of 4%, with 157 documents published in 114 journals, reflecting a dispersion of production. The average age of the documents (4.62 years) indicates that the field is in a consolidation phase. In terms of authorship, 179 authors participated in the production, with a predominance of single-authored documents and limited international collaboration (1.91 %). Keyword analysis reveals the transdisciplinary nature of the field, associating Geopoetics with themes such as landscape, identity, ecopoetics and globalization. Poland stands out with the greatest production, followed by the United Kingdom and

the United States. The research emphasizes the need for further research into Geopoetics in Brazil, where production is under-represented on an international basis. The study concludes that, despite the modest current production, Geopoetics has significant potential for growth, especially in a context of growing interest between geographical space, art and environmental issues.

Keywords: Geopoetics, Bibliometrics, Scientific production, Scopus.

Introdução

A Geopoética pode ser definida como um campo cujas propostas possuem um caráter transdisciplinar porque intencionam explorar a relação entre as geociências, a geografia física e a humana, e a poética, isto é, entre o geoespaço e diversas expressões artísticas. Nesse nexos, trata-se de um campo de estudo que investiga como a Geologia, os lugares, as paisagens e as geografias influenciam a criação poética e artística, e como a arte pode influenciar a percepção e a experiência dos e nos espaços geográficos.

O termo surgiu formalmente, pela primeira vez, na concepção com que é entendido hoje, das teorizações de Kenneth White, em 1979, um poeta, escritor e acadêmico escocês, nascido em Glasgow (Escócia). White – autor central das pesquisas sobre Geopoética – passou boa parte de sua vida em Fairlie, cerca de onde nasceu, e onde conheceu Dugald Semple, defensor escocês da vida simples e do bem-estar animal, naturalista e autor prolífico, de quem leu diversas obras e por cuja filosofia de vida foi influenciado.

A teoria fundante da Geopoética de White (1989) liga-se essencialmente a uma transformação de perspectiva, a uma espécie de catarse, na medida em que propõe uma reavaliação da relação contemporânea que se estabelece entre o ser humano e a natureza. Essa mudança, segundo o autor, aconteceria por meio da valorização dos contextos de vida mais imbricados na valorização dos ambientes naturais, entendendo que nossa relação com a natureza sempre foi e é simbiótica, para o bem ou para o mal, mesmo que não se perceba isso nos modos de vida mais acelerados do dia a dia ou mesmo em contextos mais urbanos.

Podem me dizer, talvez, que nem todo mundo tem acesso a um contexto natural. Mas, é o reconhecimento da importância de um contexto como este que pode servir de ponto de partida a uma conscientização radical, logo a uma política, a uma educação diferentes. E mesmo em contextos urbanos mais desfavoráveis, sempre há signos, marcas que se podem localizar, aos quais podemos nos sensibilizar uma vez que o espírito foi despertado e orientado (WHITE, 1989).

O despertar do espírito sugerido por White (1989) pode acontecer de diversas maneiras, mas com certeza há indícios em sua teoria que indicam a ampliação de

perspectiva, de conhecimento sobre o entorno e como as ações humanas impactam-no. O autor também defende que é importante que essa mudança de perspectiva busque unir ideias, emoções, pensamentos e sensações, motivo pelo qual justifica-se a importância do atravessamento dessa teoria pelas artes, dado o caráter estético-filosófico que elas adquirem no contexto da Geopoética. Ainda sobre esse tópico, algumas das ideias centrais de White podem ser encontradas em sua obra *A Rota Azul* (do original *La Route Bleue*), originalmente publicada em 1984.

Essa ideia de White de agregar arte às Geociências teve como inspiração Henry D. Thoreau, filósofo, naturalista, historiador e escritor estadunidense do movimento Transcendentalista, que preconizava a retomada do contato com a natureza, vendo-a como algo divino, como em sua obra *Walden*, por exemplo. Além de Thoreau, também motivaram a criação da Geopoética o geógrafo e naturalista prussiano Alexander von Humboldt e o etnógrafo, arqueólogo e escritor Victor Segalen, que defendia a ideia de que por meio da imaginação seria possível projetar e agir sobre o real modificando-o. Nesse sentido, White (1989) afirma que utilizou essa base teórica por defender que “o pensamento não se separa da vida vivenciada, [...] que a teoria se enraíza no real, mas igualmente para mostrar que a ideia Geopoética encontrava-se latente em vários indivíduos através do espaço e do tempo”.

Posto isto, a Geopoética busca compreender, para além da (re)conexão do humano com a natureza, as maneiras pelas quais esse mesmo ambiente natural e o espaço urbano são representados na Literatura e nas Artes, bem como de que forma eles influenciam a imaginação, os sentimentos e a criatividade das pessoas. O campo da Geopoética, então, inclui a análise das formas de expressão artística que envolvem um forte sentido de lugar ou espaço. É interessante detalhar que, em seu livro *O Planalto de Albatross*, White afirma o seguinte:

‘A ênfase aqui não está na definição, mas no desejo, num desejo de vida e do mundo, e no impulso’. Não se trata de fundar um movimento literário, até porque a ‘poética’ deve ser tomada no sentido de ‘formação e dinâmica fundamental’ que se pode manifestar tanto nas ciências como nas artes ou na linguagem - não no sentido de ‘em relação à poesia’. Também não se trata de fundar um sistema, pelo contrário: permanecemos abertos e recusamos o dogmatismo porque a teoria geopética é inseparável da sua prática, é ‘uma ideia básica que não pode ser definida em abstracto mas que toma forma in vivo, com base em vários contextos (POULET, 2022).

A Geopoéticaé, assim, um campo científico diversificado, que inclui perspectivas de diversas disciplinas, como as Geociências (Geologia e Paleontologia), a Geografia, a Literatura, a Filosofia, a Antropologia, a Museologia, o Patrimônio e a Ecologia. Entre essas correlações, destacam-se a atenção às temáticas do lugar e às práticas de habitar; a centralidade da linguagem poética e artística como forma de conhecer o mundo; o papel das emoções, dos afetos e das sensibilidades na constituição das espacialidades; bem como a valorização do deslocamento, seja físico, imaginativo ou cultural, como gesto criativo que produz geografias alternativas.

Além disso, emergem temáticas ligadas à Ecologia e à necessidade de reconfigurar as relações entre humanos e não humanos, bem como à dimensão crítica e política, na medida em que a Geopoética propõe epistemologias capazes de tensionar fronteiras disciplinares e desafiar narrativas hegemônicas. Ainda, nesse nexos, outros temas recorrentes são a identidade cultural e regional, as geomitologias, a memória coletiva associada a determinados lugares, as relações entre os sujeitos e as formas de expressão de seu patrimônio (KOZEL, 2012; MACEDO, 2020).

Por conta desse caráter que dialoga com diversas áreas é que se diz que a Geopoética se pretende transdisciplinar, visto que, nessa forma de abordar temas como os citados nos parágrafos anteriores, a ciência, o pensamento e a poesia conversam com a intenção de contrapor-se à fragmentação do conhecimento ao lançar olhares sobre a inteireza do humano e do ambiente em que vive. Para tal, a Geopoética reflete, analisa e discorre sobre a vida na Terra, e sobre as relações e as agências do ser humano nessa vida que o permeia e da qual ele não pode ser dissociado (BOUVET, 2012). De uma maneira mais profunda, com a Geopoética,

o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 2001, p. 10).

Ao fundar o Instituto Internacional de Geopoética, no ano de 1989, White buscou divulgar as possibilidades e o amplo escopo de investigação dessa área do saber, como descrito acima, acomodando estudos que versam sobre os contatos do ser humano

com o espaço do qual faz parte (MACEDO, 2020). Nos textos fundantes deste instrumento de divulgação de sua teoria, White (1989) define a natureza como o próprio planeta Terra, e não como um ou outro elemento natural específico. Dessa forma, no contexto desta pesquisa, entende-se que importa à Geopoética “se abrir para sentir essa percepção profunda da nossa conexão com todos os elementos bióticos e abióticos do planeta Terra, e que nós também correlacionamos com uma melhoria na qualidade de vida” (TOMAZ; CERQUEIRA; PONCIANO, 2021, p. 79-80).

Tendo falado da trajetória internacional do tema central deste estudo, cabe também dizer que no Brasil, a Geopoética tem uma expressividade bem menor do que no internacional, contudo, o tema vem ganhando mais atenção em território brasileiro nos últimos 10 anos. Entretanto, vale salientar que na área das artes ela tem estado presente há mais tempo, tendo como notável expoente o escritor Euclides da Cunha - autor de *Os Sertões* - e Cora Coralina, que aborda uma geopoesia mais próxima da tanatologia. Atualmente, o Brasil segue produzindo geopoetas, por exemplo, o escritor e médico José Pedro Rodrigues Gonçalves, que se dedica a escrever sobre o pantanal; Ana Carolina Brugnera que, em 2015, fala sobre o caboclo ribeirinho e dá vida a uma geopoesia amazônica; e o também escritor Paulo Nunes Batista cordelista e geopoeta paraibano-goiano, que se dedica a fazer uma geopoesia “centroestina”.

Ainda, muito embora muitos geógrafos apoiem-se em Kenneth White para expandir suas investigações, ele situa-se mais no campo literário-filosófico. Então, voltando-nos mais especificamente a autores pertencentes à área da Geografia com possíveis contribuições à área da Geopoética, chegamos a nomes importantes como Tim Cresswell, Kodwo Eshun, Clare Madge, Harriet Hawkins e Eric Magrane. Em resumo, ao interagir com diversas obras desses autores, entendemos que:

- Magrane aborda diretamente a Geopoética, inclusive nomeando-a e defendendo-a enquanto prática dentro da Geografia. Ele é o mais explícito no uso do termo e na construção teórico-metodológica;
- Hawkins produz estudos muito próximos da ideia de Geopoética, mas trabalha mais com o campo da “Geografia das Artes”. Ainda assim, suas reflexões abrem espaço para a Geopoética como prática epistemológica;
- Por sua vez, Cresswell, Madge e Eshun contribuem indiretamente. Eles não falam no termo “Geopoética” em si, mas seus aportes (sobre

mobilidade, afetos, práticas culturais, imaginação crítica etc.) são fundamentais para sustentar o campo.

Tendo traçado esse panorama mais geral, vamos explorar os desdobramentos dos estudos de cada autor na sequência. Começemos com Magrane, que demonstrou estar mais intimamente relacionado à Geopoética.

As evidências teóricas dão pistas para defendermos que Magrane (2015; 2020) é o autor que aborda de maneira mais explícita a Geopoética, propondo-a como conceito e prática na área da Geografia. Seu trabalho combina a escrita poética com o discurso acadêmico, criando formas híbridas de produção de conhecimento. Sua epistemologia insiste que a Geografia pode e deve ser atravessada por experimentações literárias, e que a poesia e a poética não são apenas recursos retóricos, mas uma forma de pensar e conhecer os espaços por outro prisma. Dessa forma, Magrane (2020) situa a Geopoética como uma intervenção metodológica que desafia a rigidez disciplinar e amplia o escopo epistemológico da Geografia. No contexto das pesquisas desse autor, é defendida a ideia de que, que indicam

a Geopoética é um conceito escorregadio e instável, que salta de um lado para outro e evita astutamente ser capturado de forma definitiva. Ao evitar definições, à sua incapacidade de ser claramente descrita, reproduzida ou patenteada para circulação lucrativa, a Geopoética é um pouco como um monstro do lago: muitos têm algo a dizer sobre ela, mas ela evita constantemente ser capturada. A natureza evasiva, um tanto complicada e sorrateira da Geopoética é, acreditamos, exatamente a natureza do potencial produtivo do conceito, a fonte de seu potencial radicalismo e exatamente a razão pela qual geógrafos críticos radicais podem querer abraçá-la. Amar uma proposta Geopoética é abraçar a ideia de que cada poema, escrito ou lido, é uma oportunidade de reordenar ou renovar o mundo. Esta é uma proposição radical, ética. Que mundo, que terra, deve ser criado? Que mundo, que terra, deve ser reproduzido? Que relações devem ser privilegiadas e honradas? Quem está criando o mundo criado e de acordo com a forma e representação de quem? Para quem o mundo está sendo (re)imaginado? Quem se beneficia e, inversamente, quem não se beneficia? Vamos reestruturar o mundo, clama a Geopoética (LEEUEW; MAGRANE, 2019, p. 146, tradução livre).

Já Hawkins (2015) chega bastante perto da imanência do conceito de Geopoética proposto por Magrane. Ela inclusive defende que, o interesse contemporâneo pela Geopoética e por métodos de investigação mais flexíveis, inspirados pelas artes, renova e amplia as perspectivas tradicionais da geografia humanista (HAWKINS, 2015). Sua epistemologia funda-se na ideia de que a prática artística não apenas representa as Geografias, mas é constitutiva delas. Em seus trabalhos, a autora argumenta que as artes e a escrita poética oferecem uma via metodológica para o conhecimento geográfico, abrindo

a disciplina a outros modos de engajamento com o espaço. Para a Geopoética, Harriet Hawkins é fundamental porque posiciona a criação artística como produtora de mundo, e não apenas como reflexo de realidades espaciais preexistentes. Nesse nexos, “re-pensar o ‘geo’ nos conecta novamente ao longo legado de questões geográficas ligadas ao estético [...] nas quais a produção de conhecimento sobre o cosmos era marcada por uma apreciação das forças animadas da terra e as repostas estéticas a elas” (HAWKINS; STRAUGHAN, 2015, p. 294).

Tendo falado desses dois autores, cabe ainda mencionar Cresswell (2004) que, como geógrafo cultural, abre caminhos para pensar em construtos teóricos que sugerem aproximações com a Geopoética, mesmo que indiretamente, a partir da relação entre mobilidade, lugar e significado. Sua epistemologia está enraizada no entendimento de que o espaço não é apenas uma superfície física, mas uma trama de sentidos continuamente produzida pela prática humana. Nesse sentido, sua contribuição para um pensar geopoético está em mostrar como os deslocamentos físicos, simbólicos e literários tornam-se, também, práticas criativas que produzem Geografias. Esse autor oferece um enquadramento teórico que legitima a articulação entre escrita, arte e espaço enquanto modos de conhecimento.

Direcionando-nos à teoria de Eshun (2003), cabe informar que ele também é um importante autor que provém de uma abordagem mais ligada ao afrofuturismo e às estéticas culturais, e que tensiona importantes conceitos que fortalecem o campo da Geopoética ao inscrever noções de deslocamento e de imaginação crítica que desestabilizam epistemologias eurocentradas. Sua perspectiva mostra como práticas artísticas e narrativas deslocadas (música, performance, ficção especulativa) não apenas representam espaços, mas criam geografias alternativas. Para a Geopoética, Eshun (2003) abre a possibilidade de pensar epistemologias que emergem de margens, de diásporas e de futuros não lineares, ampliando o alcance da Geografia para além do que é visível ou cartografável de forma tradicional.

Por fim, mas não menos importante, Madge (2014) também contribui de maneira mais indireta, mas essencial para fortalecer a prática Geopoética com seus trabalhos em geografia feminista e cultural, em que enfatiza como afetos, emoções e práticas cotidianas são constitutivas do espaço. Sua epistemologia se conecta com a Geopoética ao insistir que o conhecimento geográfico não se restringe ao discurso científico, mas pode ser produzido pela sensibilidade, pela experiência vivida e pela expressão criativa. Assim, Madge (2014) legitima a Geopoética enquanto metodologia e

abordagem crítica, mostrando que poesia, narrativa e performance não são adereços, mas formas de saber que ampliam a compreensão da espacialidade.

Considerando esse cenário até aqui exposto, este estudo busca responder à seguinte pergunta: quais são as características da produção científica internacional em Geopoética a partir da produção indexada na Scopus? Para isso, delimita-se como objetivo geral: identificar as características gerais da produção científica internacional em torno do campo da Geopoética com base nos dados bibliográficos da Scopus¹. Os objetivos específicos apresentados na sequência servirão para operacionalizar o objetivo geral:

- a) Analisar a evolução temporal das publicações relativas ao tema da Geopoética;
- b) Identificar os focos temáticos em torno da Geopoética;
- c) Caracterizar os periódicos utilizados na comunicação científica das pesquisas sobre Geopoética;
- d) Identificar os países mais produtivos acerca da Geopoética.

Ainda, cabe salientar que não foi encontrado na literatura, após uma análise bibliográfica, nenhum outro estudo que se dedique ao mesmo objeto (a Geopoética) com a mesma técnica (uma análise bibliométrica). Dessa forma, entende-se (e espera-se) que esse estudo possa contribuir para a divulgação da Geopoética e dos estudos surgidos a partir dela. Dito isso, a seguir situa-se a seção que detalha a metodologia utilizada neste estudo, seguida das discussões dos resultados e, por fim, das considerações finais, em que se tecem reflexões acerca do proposto inicialmente e dos achados desta pesquisa.

Metodologia

A bibliometria é uma ferramenta estatística que possibilita mapear e produzir diversos indicadores para a gestão e organização da informação e do conhecimento, particularmente em sistemas de comunicação e informação científicos e tecnológicos. Além disso, ela auxilia no planejamento, avaliação e administração da ciência e tecnologia de uma comunidade científica ou de um país (GUEDES; BORSCHIVER, 2005).

¹ Decidiu-se analisar somente a produção científica internacional porque se entende que ela já está disseminada para mais áreas do que em nível nacional. Desse modo, consegue-se traçar um panorama considerando não somente a Geopoética relacionada às artes, que no Brasil liga-se majoritariamente ao campo literário, mas sim visualizar sua relação com os mais diversos campos do saber.

Sendo assim, essa pesquisa configura-se como um estudo quantitativo, bibliométrico e exploratório realizado a partir da produção indexada na Scopus, com vistas a analisar a produção científica internacional em torno do tema da Geopoética.

A busca foi realizada com o termo “geopoeti*” no dia 27 de julho de 2024, nos campos de palavra-chave, resumo e títulos da base, na modalidade de busca simples. O uso de * (asterisco) permite buscar termos relacionados em outros idiomas e eventuais desdobramentos da palavra a partir da raiz comum dos termos.

A Scopus foi escolhida como base por apresentar mais resultados que outras bases similares. As análises foram realizadas com o auxílio do software RStudio e do pacote Biblioshiny para o Bibliometrix e do Google Planilhas, todas ferramentas gratuitas. Os dados (todos os possíveis de serem coletados na Scopus) foram exportados em planilhas no formato.csv. Nesse processo, foram recuperados 157 documentos.

Resultados de pesquisa

A produção científica internacional em Geopoética revela uma comunidade acadêmica ainda emergente, mas em crescimento. Entre 1996 e 2024², o campo teve um crescimento médio anual de 4%, sugerindo um interesse crescente na interseção entre os geotemas e a poética. Com 157 documentos publicados, observa-se uma produção moderada, mas que se manteve consistente ao longo dos anos.

Outro ponto de destaque é a idade média dos documentos, que é de 4,62 anos, indicando que a pesquisa em Geopoética é relativamente recente e possivelmente ainda em fase de consolidação no cenário acadêmico internacional. A presença de 114 periódicos indica que a Geopoética está sendo discutida em uma ampla variedade de contextos acadêmicos. Esse dado revela uma dispersão significativa da produção científica sobre o tema, com 157 artigos distribuídos entre essas 114 publicações, resultando em uma média de aproximadamente 1,3 artigos por periódico. Esse cenário reflete o caráter emergente do campo, evidenciando a falta de um núcleo central de periódicos altamente especializados em Geopoética, o que é comum em áreas de pesquisa ainda em desenvolvimento.

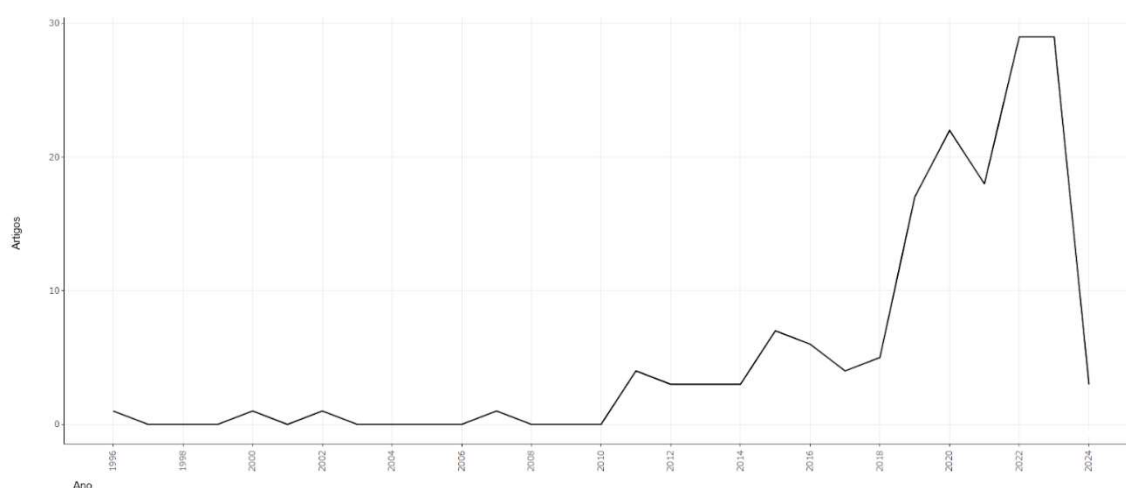
² A manutenção dos registros relativos a 2024 na análise, ainda que incompletos em função do descompasso entre a publicação efetiva dos volumes e sua disponibilização dos textos nas bases, permite apresentar o retrato mais atualizado da produção científica no momento da realização da pesquisa. Reconhece-se, evidentemente, que a aparente queda observada nesse ano pode decorrer mais de uma limitação de indexação do que de um fenômeno real de retração da produção. Ainda assim, considera-se mais adequado manter a série temporal intacta, com a devida indicação de suas limitações, do que suprimir dados que, mesmo parciais, contribuem para a comparabilidade futura e para o registro fiel do estado da ciência no recorte temporal considerado.

Em termos de autoria, os dados mostram um total de 179 autores, dos quais 116 produziram documentos de autoria única. Isso resulta em 132 documentos de autoria única, o que indica que a Geopoética pode ser uma área que incentiva reflexões individuais ou trabalhos de natureza mais subjetiva. Contudo, a colaboração internacional é limitada, com apenas 1,91% de coautorias internacionais (no nível do autor), sugerindo que a Geopoética ainda não alcançou uma integração global expressiva.

A quantidade de palavras-chave dos autores (636) e Keywords Plus (136) (uma modalidade de palavra-chave própria da Scopus) aponta para uma variedade de temas e conceitos associados à Geopoética. Isso pode refletir a natureza transdisciplinar do campo, que combina elementos de Geografia, Literatura, Arte e Filosofia, entre outras áreas.

O Gráfico 1 apresenta dados absolutos da evolução da produção científica sobre Geopoética ao longo do tempo, de 1996 a 2024. Observa-se que o campo da Geopoética permaneceu estável e com baixa produção até por volta de 2010. Após este período, começa a haver um aumento gradual, com picos entre 2020 e 2023, quando o número de artigos chega a 29, indicando um crescimento do interesse e da pesquisa na área. Esse aumento pode ser atribuído a diferentes fatores, incluindo uma maior conscientização sobre a interseção entre o humano, o geo e a expressão artístico-poética.

Gráfico 1: Produção científica em torno do tema da Geopoética, 1996-2024³



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Mais especificamente, no interior da Geografia, a Geopoética ganha força, sobretudo a partir de 2010, como salientado no parágrafo anterior, pelos diálogos

³ Recomenda-se a aplicação de zoom para a leitura dos gráficos e figuras.

estabelecidos com as viradas cultural e criativa da disciplina, quando as Artes passam a ser reconhecidas como formas legítimas de conhecimento espacial. Já fora da Geografia, a Geopoética já vinha sendo praticada como reflexão estética e filosófica (por exemplo, em Kenneth White) e também em projetos interdisciplinares nas Artes. Além disso, esse aumento na ocorrência de pesquisas voltadas à Geopoética também pode ser explicado pelo contexto de crise ecológica e social, que demanda modos mais sensíveis, criativos e engajados de pensar e habitar o mundo. Em suma, é importante ressaltar que a tendência geral é de crescimento, o que demonstra um aumento no reconhecimento da relevância da Geopoética como campo de pesquisa, de prática e de produção de conhecimento.

O treemap apresentado na Figura 1 destaca os 30 termos mais frequentes associados ao corpus de palavras-chave do autor no campo da Geopoética. O termo “geopoetics”⁴ é predominante, constituindo 48% do total, o que reflete o foco das pesquisas analisadas em torno do tema. Esse destaque pode indicar que muitos estudos estão diretamente relacionados à exploração dos conceitos de Geopoética.

Outros termos incluem “poetry” (5%), “geopolitics” (4%), e “landscape” (3%), sugerindo que há uma conexão entre a Geopoética e a análise de paisagens, poesia e política geográfica. Entende-se que isso, novamente, possa refletir uma abordagem transdisciplinar, em que a Geopoética é usada para explorar como as paisagens e as práticas poéticas se relacionam com a identidade cultural e geopolítica.

Os termos como “space” (3%), “place” (3%) e “identity” (2%) também aparecem, apontando para um interesse em como os conceitos de espaço e lugar influenciam a formação da identidade. Termos como “ecopoetics” (2%), “globalization” (2%), e “urbanstudies” (2%) indicam uma consideração das questões ambientais e urbanas, revelando a relevância da Geopoética em debates contemporâneos sobre sustentabilidade e globalização.

Ao ler a Figura 1, vale destacar a necessidade de atentar para o fato de que ela soma mais do que 100% porque mostra os 30 termos mais frequentes entre as palavras-chave atribuídas pelos autores, e cada termo aparece como uma ocorrência individual, mas um único artigo pode ter várias palavras-chave e elas podem aparecer em mais de um

⁴ Opta-se por manter o termo “geopoetics” na análise. Ainda que ele tenha sido utilizado como descritor de busca e, portanto, apareça com frequência elevada nos artigos recuperados, sua permanência no corpus é metodologicamente importante. Ao invés de ser eliminado, o termo funciona como um marcador de consistência, evidenciando, neste caso, a centralidade conceitual que orientou a construção da amostra e garantindo maior transparência quanto ao processo de seleção dos dados.

artigo. Por isso, quando são somados os percentuais de ocorrência de cada termo em relação ao total de palavras-chave (não ao total de artigos), o resultado ultrapassa 100%.

Por exemplo, suponhamos que existam 100 artigos no corpus. Se cada autor escolheu em média três palavras-chave, teremos cerca de 300 palavras-chave no total. Os percentuais mostrados no gráfico refletem a frequência de cada termo dentro desse universo de palavras-chave. Assim, a soma dos percentuais não precisa (nem deve) ser 100%, pois não são mutuamente exclusivos.

Figura 1: 30 termos mais frequentes do corpus a partir das palavras-chave do autor

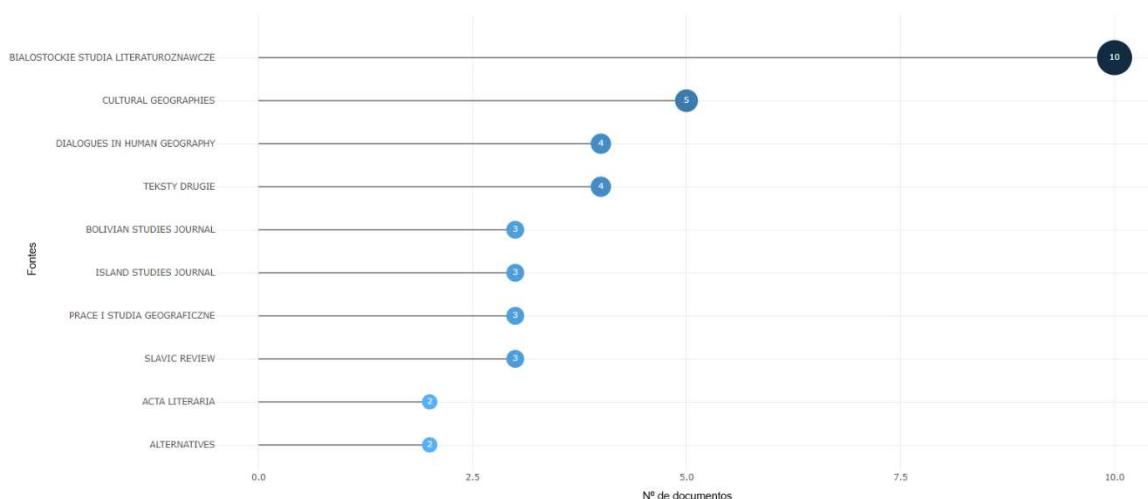


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O Gráfico 2 demonstra os dados absolutos sobre os periódicos que mais frequentemente deram vazão à literatura científica no corpus de pesquisas sobre Geopoética. O periódico *BialostockieStudiaLiteraturoznawcze* é o mais proeminente, com 10 documentos publicados. Outros periódicos importantes incluem *Cultural Geographies*, com cinco documentos, seguido por *Dialogues in HumanGeography* e *TekstyDrugie*, ambos com quatro documentos cada.

Esses periódicos focam em abordagens transdisciplinares, integrando elementos de geografia, literatura e estudos culturais, o que reforça a natureza multifacetada da Geopoética. Periódicos como *BolivianStudiesJournal*, *IslandStudiesJournal*, *Prace i StudiaGeograficzne*, e *Slavic Review*, com três documentos cada, indicam que a Geopoética é um campo de interesse em diferentes países, com pesquisas que abrangem várias regiões e contextos culturais.

Gráfico 2: Periódicos utilizados na comunicação científica das publicações sobre Geopoética indexadas na Scopus (1996-2024)



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

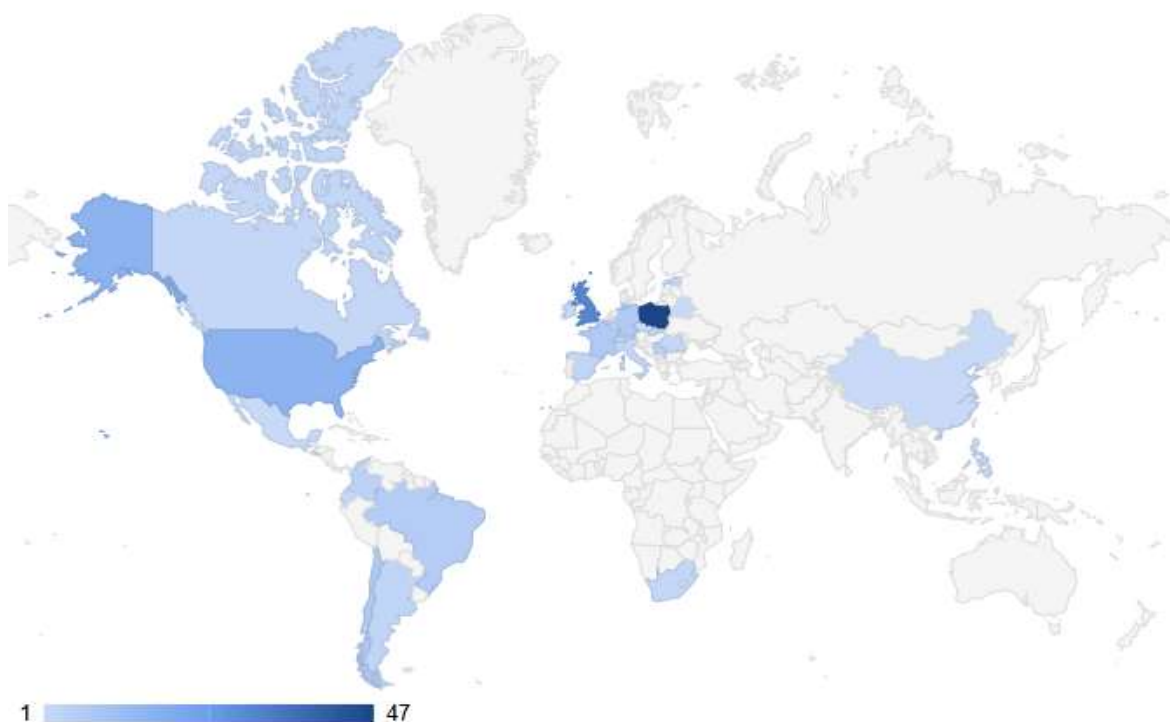
A Polônia parece ser um centro significativo para pesquisas em Geopoética, com vários periódicos listados entre os mais frequentes, como *Białostockie Studia Literaturoznawcze*, *Teksty Drugie*, e *Prace i Studia Geograficzne*, o que sugere o interesse deste país em pesquisas no tema.

Como supramencionado, a Polônia destaca-se como o país com o maior número de contribuições, totalizando 47 publicações, o que confirma sua posição de liderança no campo da Geopoética conforme os dados da Scopus. O Reino Unido e os Estados Unidos seguem com 30 e 16 publicações, respectivamente. Chile, França e Alemanha estão empatados com sete publicações cada. O Brasil aparece logo atrás, com seis publicações, refletindo o interesse em estudos espaciais e culturais na América Latina.

Países como Colômbia, Sérvia, Argentina, Bélgica, Estônia e Espanha têm entre 3 e 4 publicações cada, o que demonstra uma base mais moderada de pesquisa (no contexto das 157 publicações recuperadas na Scopus). Outros países como Canadá, Itália, Romênia, Eslováquia, África do Sul, Bielorrússia, China, República Tcheca, Equador, El Salvador, Irlanda, México, Filipinas e Suíça apresentam entre uma e duas publicações.

Percebe-se uma concentração regional na Europa, especialmente a Europa Central e Ocidental, que é um centro para a pesquisa em Geopoética, com países como Polônia, Reino Unido, França e Alemanha liderando em termos de produção.

Figura 2: Distribuição da pesquisa sobre Geopoética por país



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Há um interesse no estudo do tema da Geopoética que parte também da América Latina. O Chile e o Brasil são os principais contribuintes dessa região, sinalizando um interesse em explorar as interações entre a Geopoética e a cultura humana em contextos latino-americanos. Apesar das diferenças no volume de publicações, a distribuição geográfica das pesquisas em Geopoética é ampla, abrangendo países em quase todos os continentes habitados, o que destaca a natureza transdisciplinar e algum interesse internacional no campo.

Considerações finais

Este estudo é uma aproximação inicial com o tema proposto, uma vez que não foram encontrados outros estudos que investigam as características do campo da Geopoética em nível internacional a partir de uma perspectiva bibliométrica. Com isso, foi possível identificar como a publicação sobre o tema tem sido distribuída ao longo do tempo, bem como apresentar as associações temáticas entre o tema da Geopoética e outros assuntos, caracterizar os periódicos que publicam a produção científica relacionada à

Geopoética e estabelecer quais países têm mais produção associada ao tema e indexada na Scopus.

Uma vez que a Geopoética nasce em um cenário estrangeiro, a análise proposta neste estudo permite identificar os elementos sobre os quais se assenta conceitualmente a Geopoética desenvolvida no Brasil, que será abordada em outras pesquisas. São necessários mais estudos para ampliar a compreensão em torno do objeto, incluindo o destaque da região da Europa Oriental na produção da área, da mesma forma que o campo da Geopoética nacional merece uma investigação - já que a literatura nacional que se sabe existir sobre o tema está pouco representada na Scopus.

Os dados coletados na Scopus revelam uma produção modesta (especialmente quando comparada a outras áreas das Geociências ou das Artes), a despeito de a base armazenar mais resultados que outras. Este é um tema que, no futuro, tende a ser mais investigado, já que se entende que a Geopoética está em crescimento, com potencial de expansão à medida que mais pesquisadores se interessam pela interconexão entre o espaço geográfico e a expressão poética, especialmente num contexto de mudanças climáticas globais – e antrópicas.

Este estudo oferece uma contribuição para a Ciência da Informação ao aplicar a bibliometria na análise da produção científica sobre Geopoética, um campo transdisciplinar em crescimento. Através da utilização de dados da base Scopus, o estudo mapeia a distribuição temporal das publicações sobre Geopoética, identifica as associações temáticas com outros campos do conhecimento e caracteriza os periódicos que publicam trabalhos relacionados. Essas informações são importantes para a gestão do conhecimento, uma vez que permitem traçar o perfil da produção científica sobre o tema proposto e identificar tendências de pesquisa, lacunas temáticas e oportunidades de desenvolvimento.

Ao lançar luz sobre a modesta produção científica no campo, o estudo sugere que há um grande potencial para o crescimento da área, conforme mais pesquisadores se dedicam a explorar a relação entre geografia, as geociências e expressão poética. Nesse sentido, o uso da bibliometria facilita o mapeamento da produção científica, e auxilia no planejamento e avaliação do desenvolvimento da Geopoética como um campo emergente, o que pode incentivar novos estudos e parcerias transdisciplinares.

Além disso, para aprofundamento desta pesquisa, pode-se dar continuidade ao estudo sobre Geopoética a partir de uma perspectiva bibliométrica mais específica, analisando a produção brasileira no campo a partir de alguma outra fonte mais atinente ao

contexto nacional; e também, dado o destaque da Europa Oriental como uma região importante para a produção científica em Geopoética, um estudo comparativo entre os países dessa região e outras áreas do mundo poderia revelar diferenças e semelhanças nos enfoques teóricos e metodológicos.

Referências

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira Geopoética? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 12, n. 1, jul. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/interfaces/article/view/7200>>. Acesso em: 12 out. 2024.

CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

ESHUN, Kodwo. Further considerations on Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, jun./set.2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/27225560_Further_Considerations_on_Afrofuturism>. Acesso em: 13 out. 2024.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 20. ed. Campinas: Papirus, 2009.

GUEDES, Vânia ; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. *Encontro nacional de ciência da informação*, v. 6, n. 1, p. 18, 2005. Disponível em: <https://cinform-anteriores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

HAWKINS, Harriet. Creative geographic methods: knowing, representing, intervening: on composing place and page. *Cultural Geographies*, v. 22, n. 2, p. 247-268, 2015.

HAWKINS, Harriet; STRAUGHAN, Elizabeth. *Geographical Aesthetics: imagining space, staging encounters*. Ashgate: Surrey, 2015.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. *Caderno de Geografia*, v.22, n.37, p. 65-78, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/3418/3866>>. Acesso em: 12 out. 2024.

LEEuw, Sarah de; MAGRANE, Eric. Geopoetics. In: JAZEEL, Tariq et al. *Keywords in Radical Geography: Antipode at 50*. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2019. p. 146-150. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Nik-Theodore/publication/331567527_Keywords_in_Radical_Geography_Antipode_at_50/links/5c856190299bf1268d4f87fe/Keywords-in-Radical-Geography-Antipode-at-50.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

MACEDO, Clarissa Moreira. Geopoética: contraponto à necropolítica. *Perspectivas*, v. 5, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/11377/18289>>. Acesso em: 12 out. 2024.

MADGE, Clare. On the creative (re)turn to geography: poetry, politics and passion. *Area*, v. 46, n. 2, p. 178-185, 2014. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24029964>>. Acesso em: 13 out. 2024.

MAGRANE, Eric. Climate geopoetics (the earth is a composted poem). *SageJournals*, v. 11, n. 1, fev. 2020. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2043820620908390>>. Acesso em: 15 out. 2024.

MAGRANE, Eric. Situating Geopoetics. *GeoHumanities*, v. 1, n. 1, p. 86-102, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2373566X.2015.1071674>>. Acesso em: 13 out. 2024.

POULET, Regis. A Geopoética ou como abrir um mundo. *InstituteInternational de Géopoétique*, 2022. Disponível em: <<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo>>. Acesso em: 12 out. 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Desporto da floresta: por uma orientação Geopoética nas unidades de conservação. *Temas em Educação Física Escolar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 76-91, ago./dez. 2021.. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3090/pdf_33>. Acesso em: 12 out. 2024.

WHITE, Kenneth. O grande campo da Geopoética. *InstituteInternational de Géopoétique*, 1989. Disponível em: <<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-dageopoetica>>. Acesso em: 12 out. 2024.